



São Paulo, 21 a 24 de Março de 2016

Feiras, Quitandas, Mercados: considerações sobre os espaços históricos de abastecimento de São Paulo

Fairs, Greengrocers, markets: considerations about the historical places of supply of Sao Paulo

Ferias, frutería, mercados: consideraciones acerca de los espacios históricos de abastecimiento de São Paulo

SILVA, Diego Vernille da; Mestrando; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP)

diego.vernille.silva@usp.br

VARGAS, Heliana Comin; Dra.; Universidade de São Paulo (USP)

hcvargas@usp.br

Resumo

Este artigo surge num contexto de desenvolvimento de um mestrado em Planejamento Urbano e Regional, cujo tema de estudo é: Mercados Públicos, transformações e permanências em aspectos arquitetônicos e de inserção urbana.

A finalidade do trabalho é buscar entender o desenvolvimento e funcionamento atual da rede de mercados públicos de São Paulo. Assim, o artigo em questão traz breves considerações que o estudo dos espaços históricos de abastecimento da cidade tem despertado.

Palavras-chave: mercados públicos, abastecimento, feiras.

Fairs, Greengrocers, markets: considerations about the historical places of supply of Sao Paulo

Abstract

This article appears in a development context of a master's degree in Urban and Regional Planning, whose study topic is: Public Markets, changes and maintenance aspects in architectural and urban insertion.

The purpose of the work is to seek to understand the development and current functioning of the network of public markets of São Paulo. Thus, the article in question brings brief comments that the study of the historical areas of the city supply has awakened.

Keywords: public Markets. places of supply. fairs.

Ferias, frutería, mercados: consideraciones acerca de los espacios históricos de abastecimiento de São Paulo

Resumen

Este artículo aparece en un contexto de desarrollo de una maestría en Planificación Regional y Urbana, cuyo tema de estudio es: Mercados públicos, los cambios y permanencias en los aspectos arquitectónicos y de la de la inserción urbana.

El propósito del trabajo es tratar de entender el desarrollo y el funcionamiento actual de la red de mercados públicos de São Paulo. Así, el artículo en cuestión trae breves comentarios que el estudio de las zonas históricas de el abastecimiento de la ciudad ha despertado.

Palabras clave: mercados públicos, abastecimiento, ferias

O desafio de alimentar a cidade

Como habitantes do século XIX, é difícil para nós vislumbrarmos as dificuldades de se abastecer uma cidade com a quantidade necessária de alimentos para a sobrevivência de sua população. Temos hoje uma quantidade e variedade de alimentos prontamente disponíveis a nosso consumo que seria inimaginável a nossos antepassados. E além deste aspecto quantitativo, temos também uma profunda mudança qualitativa neste processo: ele é praticamente invisível.¹

Nos séculos anteriores, o movimento das tropas de animais para abate ou o carregamento incessante dos produtos do campo eram visíveis na cidade. Com a industrialização, este quadro começou a mudar, e hoje este movimento pode facilmente passar despercebido da maioria da população.

Contudo, para que entendamos melhor a real dimensão desta tarefa, alimentar a cidade, no presente, faz-se imprescindível olhar para o passado e reconstruir a trajetória que nos trouxe até este momento, buscando entender o que permanece e o que se alterou.

Como bem nos diz o professor Nestor Goulart², tais serviços de abastecimento exigem obras importantes, resultado de disputas e projetos variados, e que, no caso de São Paulo, grande parte se perdeu. O objetivo deste artigo é identificar quais os espaços e equipamentos urbanos ligados aos serviços de abastecimento, e anteriores aos mercados públicos e feiras hoje existentes, fizeram parte da construção da cidade de São Paulo.

A relação da cidade e seu abastecimento muitas vezes fica um pouco à margem na historiografia, contudo, Taunay nos traz pontos importantíssimos sobre o assunto³. Um ponto inicial importante é o fato de na São Paulo do século XVI, uma das principais fontes de recurso para a singelo aparelho administrativo da vila provir do arrendamento do suprimento de carne verde (carne fresca, abatida nas cercanias da vila).

¹ STEEL, Carolyn. 2009.

² FILHO, Nestor Goulart Reis. 1994. p.118

³ TAUNAY, Affonso de E. 1954.

As dificuldades na manutenção do abastecimento de carne em quantidade e qualidade suficiente é recorrente ao longo do livro citado, e apenas no final do Século XIX⁴ contará a cidade com um equipamento de porte adequado a tal fim.

Outro ponto importante é o papel do estado na normatização e fiscalização de pesos e medidas. Aliás, é Guàrdia⁵ que nos relembra que com o início da organização dos governos municipais, fazia-se necessário regular o funcionamento dos mercados, e para tal foi adotado um cargo típico das cidades muçulmanas, “muito mais avançadas nestas questões”⁶, o Almotacel. Esta figura é também recorrente no texto de Taunay sobre a história de São Paulo.

Os espaços que trataremos no decorrer do texto evidenciam o esforço permanente de se abastecer a vila, e depois cidade de São Paulo, ao longo de sua história, e poderemos começar a entender qual o impacto destes lugares na cidade que temos hoje.

Os espaços de abastecimento

O espaço de feira oficialmente estabelecido mais antigo que a pesquisa bibliográfica revelou foi o da praça da misericórdia. Segundo Taunay, em 1687 o juiz Dr. Tomé de Oliveira definiu que se vendessem “gêneros da terra, hortaliça e peixe na praça e terreiro da Misericórdia”⁷. O curioso é que nesta determinação consta que tais produtos poderiam ser vendidos livremente, sem intervenção do Almotacel.

Tal indicação pode facilmente ser classificada como liberalizadora, em oposição a toda construção regulatória que tinha no Almotacel um símbolo. Contrapontos entre momentos de forte regulação e liberalização dos mercados são uma constante na história do comércio nas cidades⁸.

Não encontramos nas plantas históricas de São Paulo a indicação “Praça da Misericórdia” ou “terreiro da Misericórdia”, mas seguindo a lógica de nomenclatura dos espaços livres intraurbanos, podemos presumir que este local era o pequeno largo situado em frente a antiga Igreja da Misericórdia, já demolida, mas que ficava nas imediações da Rua Direita, no que hoje é o encontro desta com as Ruas Álvares Penteado e Quintino Bocaiuva.

⁴ TAUNAY, Affonso de E. 1954. p. 250.

⁵ GUÀRDIA, M.; OYÓN, J. L. 2007. p. 3.

⁶ Id.

⁷ TAUNAY, Affonso de E. 1954. p. 81.

⁸ PINTAUDI, S. M. 2006. p. 7.



Figura 1: Igreja e praça da Misericórdia

Fonte: CAMPOS, Eudes (2008)

No detalhe acima, extraído de planta datada de 1810, temos a indicação da Igreja da Misericórdia, onde podemos observar o provável local desta feira do século XVII.

Durante o governo de Bernardo José de Lorena, cujo início se deu a 15 de Julho de 1788, a praça da Misericórdia, ou largo da Misericórdia, recebeu a primeira grande fonte pública, o chafariz da Misericórdia⁹. É bastante sugestivo que este tenha sido o local escolhido para comportar tal equipamento, é de se supor que as atividades comerciais que aconteciam ali desde o século XVII tenham criado uma centralidade importante para a cidade.

Tal hipótese pode ser melhor explorada fazendo uma revisão das plantas históricas, verificando-se quais ruas foram ao longo do tempo adquirindo um carácter comercial, e mais especificamente, de abastecimento.

Antes de a cidade contar com um mercado público no sentido que entendemos hoje, os gêneros alimentícios de todo tipo eram vendidos pela rua. Temos então a figura das pretas de tabuleiro e dos caipiras¹⁰, que vinham dos sítios vizinhos. É este comércio que nomeia a Rua da Quitanda, que hoje corresponde ao trecho da Rua Álvares penteado que fica entre a atual Rua da Quitanda e a Rua Direita.

Contava-se ainda com as tropilhas, que traziam mantimentos de locais mais distantes. Podemos daí depreender a importância dos pousos de tropas, localizados nas entradas da cidade, como locais de comércio e abastecimento.

⁹ TAUNAY, Affonso de E. 1954. p. 130.

¹⁰ MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. 1999. p. 161.

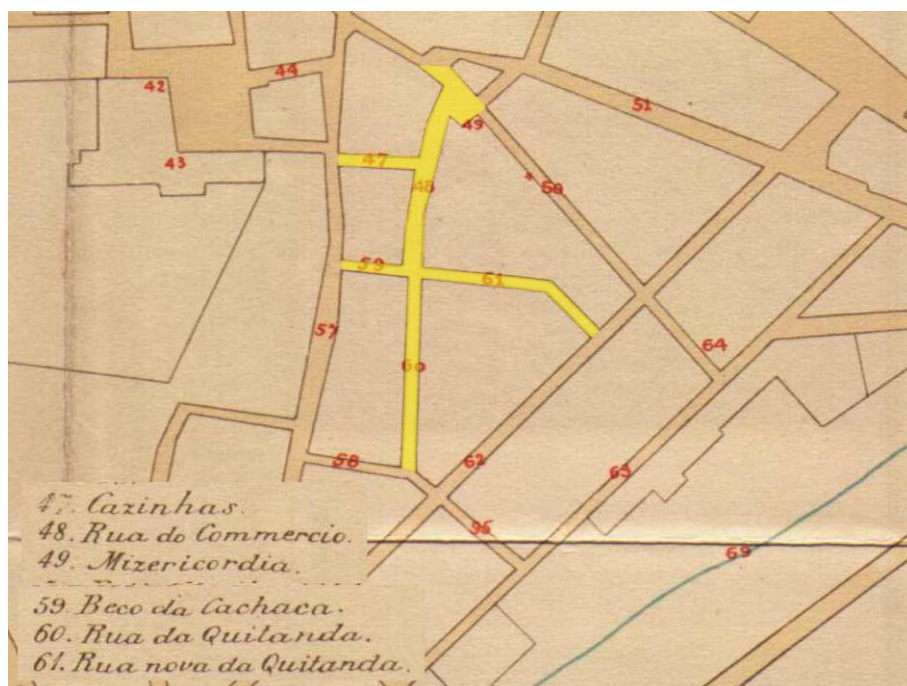


Figura 2: Os logradouros ligados ao comércio no final do século XVIII

Fonte: CAMPOS, Eudes (2008)

Outras referências ao comércio existente podem ser verificados em toponímias como Beco das Cachaças¹¹ e Rua nova da Quitanda, esta última sendo anteriormente designada Beco ou Rua do Cotovelo e também Travessa da Rua da Quitanda. A atual Rua da Quitanda corresponde a junção destes dois logradouros citados anteriormente.

A instalação do que poderia ser chamada primeiro mercado municipal da cidade, ocorreu em 1773. Eram as chamadas “casinhas”. Totalizavam seis¹² quartos mandados construir pela Câmara para que fossem arrendadas ao comércio de gêneros alimentícios, principalmente tocinho, cereais, carne-seca, dentre outros produtos que até então eram exclusividade das quitandeiras e ambulantes.

Podemos perceber no detalhe acima a forma como o comércio a princípio localizado no Largo da Misericórdia parece ter se “espalhado” pelas ruas circundantes.

¹¹ CAMPOS, Eudes. jan/fev. 2007. p. 9

¹² Idem

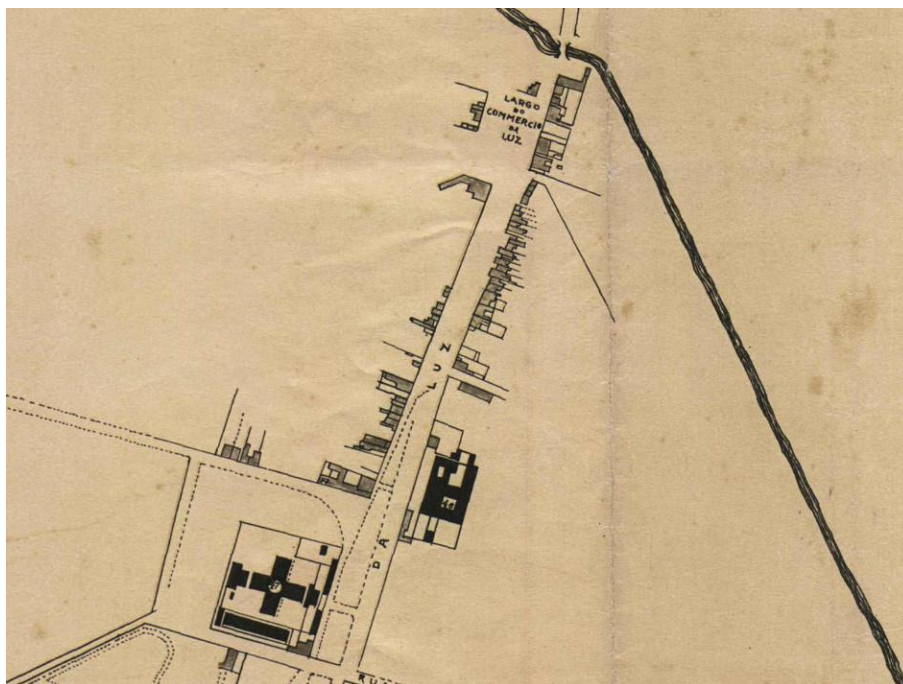


Figura 3: Localização do “Largo do Commercio da Luz”

Fonte: CAMPOS, Eudes (2008)

Outra feira foi estabelecida no ano de 1797. Era a chamada “Feira de Pilatos” e tinha lugar no Campo da Luz. Uma curiosidade, o nome da feira se deve a uma referência ao governador da Província Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, responsável pela instalação da feira, e que era conhecido pela alcunha de Pilatos¹³. Muitos autores referem-se a esta feira como sendo a primeira de São Paulo¹⁴, contudo, a referência à feira da Misericórdia que encontramos em Taunay, e a análise da toponímia ligada ao comércio nas ruas centrais, podemos supor que de fato, esta feira de Pilatos não foi a primeira experiência do tipo.

Uma dúvida que persiste é a localização desta feira, haja visto que a referência à “Campo da Luz” é um tanto vaga e não foi encontrada em representações cartográficas. Numa planta de Affonso A. de Freitas, em que este faz um estudo da evolução da cidade de 1800 a 1874, existe a definição do “Commercio da luz” no local que hoje seria Avenida Tiradentes, no trecho entre Pinacoteca, Seminário Episcopal, Convento da Luz e o antigo pouso de tropas que existiu próximo à Ponte Pequena (atual estação Armênia do metrô).

Contudo, vemos no detalhe acima, de uma planta de 1881, uma definição mais clara do “Largo do Commercio da Luz”, justamente nas proximidades da Ponte Pequena. Cabe a questão: teria a Feira de Pilatos sido definida nas proximidades do pouso de tropas existente na entrada Norte da cidade, e esta centralidade comercial dado origem ao “Largo do Commercio da Luz” que está representado em planta? A dúvida segue, mas podemos a partir desta questão pensar nos desdobramentos que

¹³ TAUNAY, Affonso de E. 1954. p. 132.

¹⁴ FILHO, Nestor Goulart Reis. 1994. p. 119.

os pousos de tropas realmente tiveram para a conformação da estrutura urbana da cidade.

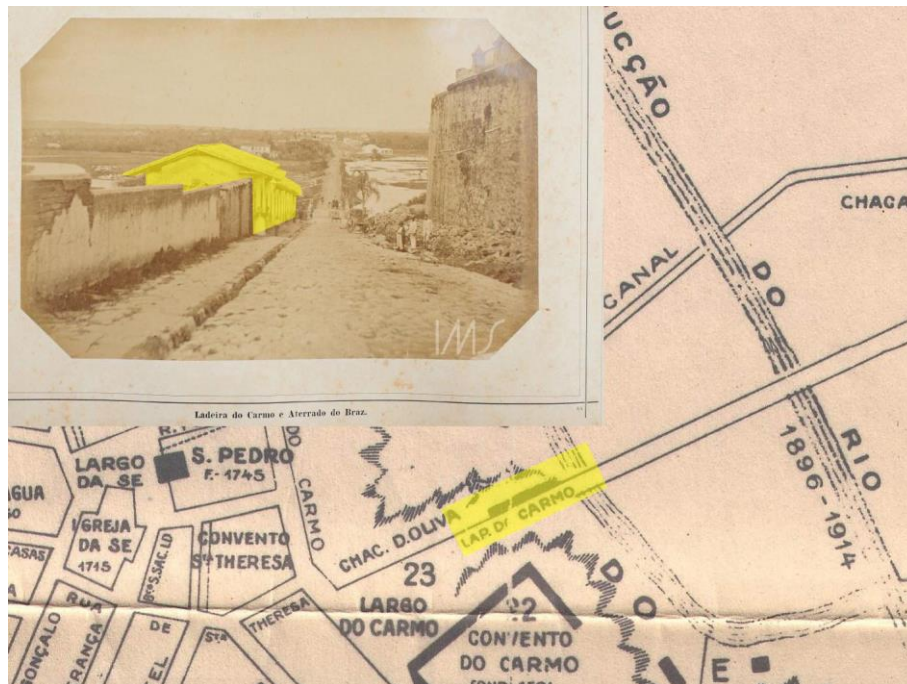


Figura 4: Localização das casinhas da Ladeira do Carmo

Fonte: Instituto Moreira Sales (foto) e Emplasa (Planta de Affonso A. de Freitas)

Com a intenção de melhorar o abastecimento da cidade, a Câmara em 1806 mandou erguer um correr de 13 quartos geminados ao longo da Ladeira do Carmo, afim de que funcionassem como Mercado Municipal, tal como a Rua das Casinhas, mencionada anteriormente. Novamente vemos um ponto de abastecimento ser instalado próximo a um dos acessos da cidade, desta vez o Leste. (Figura 4)

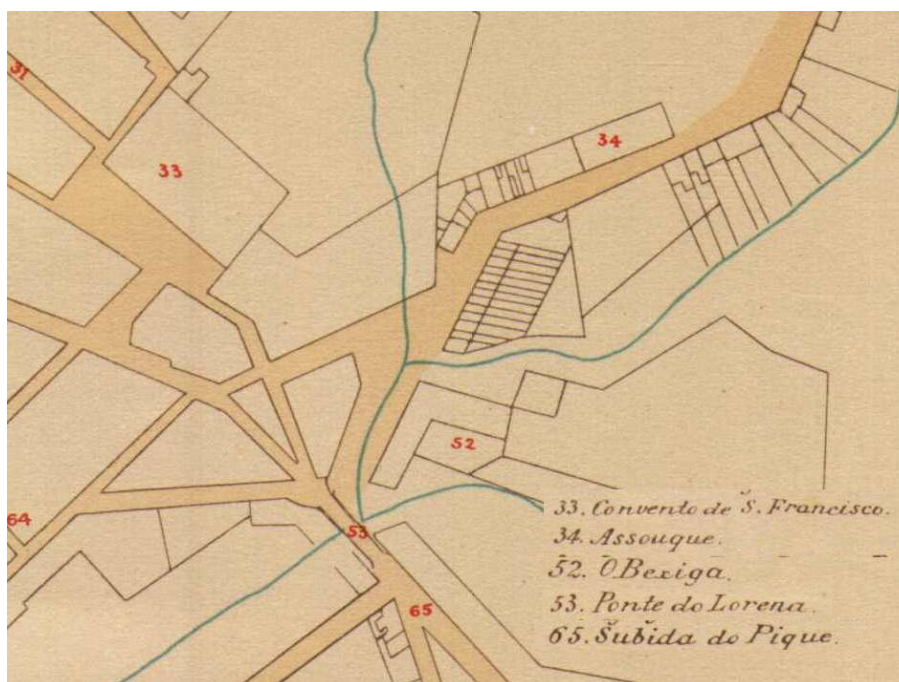


Figura 5: Localização do “assougue” existente no início do século XIX

Fonte: CAMPOS, Eudes (2008)

Um outro ponto crítico quando pensamos em abastecimento, é o fornecimento de carne fresca. O único modo de se atender à demanda numa cidade pré-industrial era realizando o abate dos animais em local próximo, se não dentro dos limites, da cidade. Muitos são os problemas gerados por esta situação e um relato de alguém que viveu tal situação é muito precioso para que possamos reconstruir o modo de vida na cidade daquele tempo¹⁵.

Na figura 5 podemos observar a localização do açougue, e complementando-se esta informação com a rica descrição que nos traz Francisco de Assis Vieira Bueno¹⁶, podemos também projetar que o curral do conselho, local em que o gado era mantido à espera do abate estendia-se pelos campos próximos dali, no que hoje conhecemos por Bixiga, nas imediações da Rua Santo Amaro.

Chegamos agora à segunda metade do século XIX, e apenas no ano de 1867 São Paulo recebe aquilo que Taunay definiu como “a primeira praça de mercado digna dêste nome de que a cidade dispôs.”¹⁷

¹⁵ MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. 1999. p. 161.

¹⁶ MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. 1999. p. 161.

¹⁷ TAUNAY, Affonso de E. 1954. p. 201.



Figura 6: Mercado Municipal (Praça do Mercado), localizado na Rua 25 de Março.

Fonte: Casa da Imagem (Secretaria da Cultura – PMSP)

A partir deste momento, o modo de enfrentamento do desafio de abastecer a cidade ganha uma outra perspectiva, os mercados passam a ser efetivamente entendidos como equipamentos públicos essenciais, e daí decorrerá a primeira expansão na forma de uma rede. Podemos citar neste processo a renovação constante deste Mercado da 25 de Março, inclusive com a construção de anexos, o Mercado dos Caipiras, situado nas proximidades do Rio Tamanduateí e o Mercado de Peixes, nas imediações da escadaria do Carmo¹⁸.

Em outras regiões teremos o Mercado São João, Mercado de Pinheiros, Mercado do Largo São Paulo, Mercado da Concórdia, Mercado do Anhangabaú, resultado da mudança de local do Mercado São João. Este último, estabelecido em 1914, encerra este primeiro ciclo de construção de Mercados em São Paulo. Data deste mesmo ano a consolidação do sistema de Feiras Livres¹⁹.

O detalhamento deste primeiro ciclo ainda está em consolidação, no entanto, uma breve abordagem do segundo ciclo de construção de Mercados públicos em São Paulo já foi tratado pelo autor em outro artigo²⁰.

Considerações finais

Este artigo buscou evidenciar a importância, ou as possibilidades, do entendimento espacial da distribuição dos locais de comércio e abastecimento,

¹⁸ DEAECTO, Marisa Midori. 2002. p. 139.

¹⁹ FILHO, Nestor Goulart Reis. 1994. p. 128.

²⁰ SILVA, Diego Vernille da. 2015.

tentando encontrar lógicas que influenciariam no desenvolvimento posterior da cidade.

O assunto não está encerrado, é apenas uma primeira aproximação às possibilidades que um estudo do tipo possa ter. A bibliografia utilizada nos traz um panorama bastante rico das dificuldades enfrentadas por aqueles que enfrentaram o desafio de abastecer a cidade.

Tal processo foi costurado em meio a disputas de toda a ordem, desde falta de recursos financeiros e humanos, disputas por localizações, projetos divergentes entre os diversos níveis de governo, enfim, uma história muito complexa que não caberia no espaço de um artigo. Contudo, espera-se que este sirva de motivação para que muitos outros trabalhos venham a se somar, revelando espaços e equipamentos que até o momento não despertaram a atenção para estudos mais aprofundados.

Referências

CAMPOS, Eudes. A cidade de São Paulo e a era dos melhoramentos materiais: obras públicas e arquitetura vistas por meio de fotografias de autoria de Militão Augusto de Azevedo, datadas do período 1862-1863. **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**. São Paulo: Museu Paulista, 2007. v. 15, n. 1, p. 11-114, jan./jun.

CAMPOS, Eudes. Alimentação em São Paulo. **INFORMATIVO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL**, 2 (10), jan/fev.2007: Disponível em: <<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>>. Acesso em 2014.

CAMPOS, Eudes. São Paulo antigo: plantas da cidade. **INFORMATIVO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL**, 4 (20): set/out.2008: Disponível em: <<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>>. Acesso em 2014.

DEAECTO, Marisa Midori. **Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Senac, 2002

FILHO, Nestor Goulart Reis. **São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos**. São Paulo: Hucitec, 1994

GUÀRDIA, M.; OYÓN, J. L. Los mercados públicos en la ciudad contemporánea. El caso de Barcelona. **Biblio 3W**, XII. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-744.htm>>. Acesso em 10 Jun. 2014.

KUHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação**. São Paulo: Fapesp, 1998

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. **Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações**. São Paulo: Ateliê, 1999

PINTAUDI, S. M. Pintaudi, S. M. 2006. Os mercados públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana. **Scripta Nova**, X. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-81.htm>>. Acesso em 1 Jul. 2014.

SILVA, Diego Vernille da. Mercados Municipais de São Paulo: equipamentos essenciais ou excentricidade urbana?, publicado In: XVI Enanpur: Espaço, planejamento e insurgências, Belo Horizonte, 18 a 21 mai. 2015. **Anais do XVI Enanpur**. Belo Horizonte: Anpur, 2015. Disponível em: <<http://xvienanpur.com.br/anais/>>. Acesso em 01 Set. 2015.

SILVA, Geraldo Gomes. **Arquitetura do ferro no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1988

SIMIONATO, Letícia Yoshimoto. O Lugar do Mercado, publicado In: III Colóquio Internacional de Comércio e Cidade: uma relação de origem, São Paulo, 08 a 10 set. 2010. **Anais do III CinCci**. São Paulo: FAUUSP-LABCOM. 2010.

STEEL, Carolyn. **Hungry City: How Food Shapes Our Lives**. Londres: Vintage, 2009

TAUNAY, Affonso de E. **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Melhoramentos, 1954

TOLEDO, Benedito Lima de. AZEVEDO, Militão Augusto de. KOSSOY, Boris. LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Album comparativo da cidade de São Paulo/1862-1887: Militão Augusto de Azevedo**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1981

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo, três cidades em um século**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007